

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



**São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012**

OS FILHOS NA PERSPECTIVA DOS PAIS: RELATOS A PARTIR DE UM GRUPO DE ORIENTAÇÃO

Maria Benedita Lima Pardo; Margarida Maria Silveira Britto de Carvalho e Ariane de Brito Santos

Eixo Temático: 19. Pesquisa fora do contexto educacional

Resumo

Os problemas de comportamento na infância e adolescência constituem queixas comuns de pais que procuram atendimento para os filhos em clínicas-escola. O objetivo desse estudo foi analisar as queixas trazidas pelos pais e relatar as alterações percebidas nos seus comportamentos e no dos filhos. Participaram cinco mães e um pai. Os dados foram coletados por entrevistas. Os resultados mostraram que os pais identificaram poucos comportamentos positivos dos filhos e tinham dúvidas quanto às práticas educativas. Contavam com apoio familiar. Em relação à escola relataram poucas informações. As expectativas em relação ao grupo se relacionaram com mudanças no seu próprio comportamento. Ao final todos avaliaram que suas ações ou percepções relativas aos filhos haviam melhorado e apenas um deles não relatou melhora.

Palavras-chave: Grupo de orientação, práticas educativas, educação de pais

Abstract

Behavioral problems in childhood and adolescence are common complaints of parents seeking care for their children in school clinics. The aim of this study was to analyze the complaints brought by parents and report perceived changes in their behaviors and their children. Five mothers and one father took part of this study. The data were collected through interviews. The results showed that parents have identified few positive children's behaviors and had doubts about the educational practices. Parents relied on family support. In relation to the school they reported little information. About the group they expect to change their own behavior. In the end, parents assessed that their actions or perceptions concerning children had improved and only one reported no improvement.

Keywords: Group orientation; educational practices; education of parents.

Introdução

Os problemas de comportamento na infância e início da adolescência se constituem queixas comuns de pais que procuram atendimento para seus filhos em instituições de atendimento psicológico e/ou clínicas-escola.

Segundo Lundahl, Risser e Lovejoy (2006) historicamente os profissionais de saúde mental consideravam a terapia com a criança a maneira mais comum para reduzir tais problemas. No entanto, a partir da década de 1960 as intervenções com pais se tornaram uma modalidade alternativa de tratamento.

A despeito da variabilidade de proposições de intervenção com pais, observa-se que alguns princípios gerais regem as diferentes abordagens, tal como o reconhecimento de que os problemas de comportamento infantil estão vinculados ao contexto familiar da criança, principalmente com as práticas parentais (PATTERSON, 1982 *apud* SHAFFER, 2005). Bolsoni-Silva e Loureiro (2011) reconhecem a importância da vinculação entre práticas parentais e o comportamento dos filhos e argumentam que práticas parentais positivas contribuem para evitar o aparecimento e/ou manutenção de problemas de interação pais-filhos. Dessa forma o reconhecimento das variáveis que propiciam e mantêm os comportamentos problemáticos é de fundamental importância para os estudiosos da questão.

No Brasil alguns estudos tratam das práticas educativas de pais que buscam atendimento psicológico em instituições públicas com o intuito de obter intervenções efetivas (BOLSONI-SILVA & LOUREIRO, 2011; PARDO & CARVALHO, 2011; COELHO & MURTA, 2007). Bolsoni-Silva, Paiva e Barbosa (2009) afirmam que se faz necessário conhecer as demandas de quem solicita atendimento psicológico através da caracterização do repertório dos pais/cuidadores e das habilidades e dificuldades das crianças e adolescentes para com isso minimizar os indicativos de problemas de comportamentos. Segundo Wielewicki (2011) a caracterização de crianças que procuram atendimento psicológico em clínicas escolas contribui para a melhoria dos serviços e serve de base para a proposição de estratégias de intervenção.

Nessa direção este trabalho propõe o estudo de algumas variáveis do contexto familiar relatadas por pais no propósito de educarem seus filhos. Esses pais são usuários do Serviço de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe (SPA) órgão anexo ao Departamento de Psicologia da UFS, inscritos em um Grupo de Orientação a Pais (GO) no ano de 2011.

Fundamentação Teórica

A família exerce papel fundamental no desenvolvimento da criança, por ser o primeiro contexto social em que se insere, desse modo os pais atuam como mediadores no processo de socialização dos filhos.

Práticas educativas parentais referem-se às diversas estratégias e técnicas utilizadas pelos pais durante o processo de socialização (SALVO, SILVARES & TONI, 2005). Os pais geralmente utilizam uma combinação de estratégias, que podem variar de acordo com a situação. Nesse contexto os pais devem possuir habilidades para que problemas de comportamentos dos filhos possam ser evitados. No entanto, nem sempre os mesmos estão preparados para se comportar de modo assertivo diante de situações conflitantes (COELHO & MURTA, 2007).

Salvo, Silvares e Toni (2005) relatam pesquisas que tem apontado a grande importância da relação pais-filhos e das práticas parentais.

Bolsoni-Silva e Loureiro (2011), citando Gomide (2006), afirmam que as práticas parentais podem desenvolver tanto comportamentos pró-sociais quanto anti-sociais, dependendo da natureza, da frequência e intensidade com que o casal parental as utiliza. As práticas educativas que podem levar ao desenvolvimento de comportamentos anti-sociais são chamadas de práticas educativas negativas. Seis são as mais encontradas na literatura, a saber, negligência, abuso físico e psicológico, disciplina relaxada, punição inconsistente e monitoria estressante. As práticas educativas positivas são aquelas que colaboram para o desenvolvimento pró-social adequado da criança, destacam-se a monitoria positiva que envolve o uso adequado da atenção e a distribuição de privilégios e o comportamento moral que implica promover condições favoráveis ao desenvolvimento de virtudes, tais como empatia, senso de justiça, responsabilidade e trabalho. As práticas educativas parentais quando negativas são também responsáveis pelo desenvolvimento e/ou manutenção de padrões de interação familiar perturbadores e conseqüentemente, de problemas de comportamento dos filhos. Quando tais práticas são positivas favorecem o bom desenvolvimento da interação familiar, o que tende a reduzir problemas de comportamento em crianças e adolescentes. (COELHO & MURTA, 2007).

Problemas de comportamento podem ser entendidos como aqueles que prejudicam o desenvolvimento saudável. Os problemas têm sido caracterizados como externalizantes, a exemplo do nervosismo, rebeldia, agressividade, ou internalizantes, como tristeza e retraimento social (BOLSONI-SILVA, SILVEIRA & MARTURANO, 2008). Sendo o comportamento dos pais fator decisivo para a prevenção e/ou manutenção do comportamento dos filhos, essas autoras enfatizam que a interação positiva juntamente com a consistência na

forma de estabelecer limites previnem o surgimento de problemas de comportamentos. Desse modo, se faz necessário a realização de intervenções que envolvam os pais para a obtenção de resultados mais satisfatórios, no que diz respeito à educação de seus filhos.

O modelo bio-ecológico proposto por Bronfenbrenner (1996) visa o estudo de contextos complexos como o do desenvolvimento humano e tem sido aplicado em pesquisas que envolvem o trabalho de orientação com famílias (ARAÚJO, 2001; INFORSATO, 2001; COLNAGO, 2000; DESSEN & POLONIA, 2007). Este modelo prevê a existência de um conjunto de sistemas interconectados, uns englobando os outros, a partir dos quais se estuda as influências que o indivíduo recebe e produz nos ambiente.

Na presente pesquisa tal abordagem foi utilizada para auxiliar a análise de fatores presentes nos ambientes próximos da criança, como sua casa, escola, locais de lazer (microsistemas) e também para a identificação e discussão sobre modos de pensar e valores que fundamentam as práticas educativas (influências do mesosistema, do exosistema e do macrosistema) relatados pelos participantes do grupo. O objetivo foi o de analisar as queixas trazidas pelos pais e relatar as alterações percebidas por eles nos comportamentos seus e dos filhos.

Método

Participantes

Participaram cinco mães e um pai, cujo nível de escolaridade variou entre 1º grau completo e 3º grau completo. Quanto ao estado civil quatro deles eram casados, um solteiro e um separado.

No trabalho os mesmo serão identificados por siglas: P1, P2... P6.

Instrumentos

Para a coleta de dados foram utilizados dois roteiros, sendo um para a entrevista inicial e outro para a final. O roteiro da entrevista inicial era composto de dezessete questões, cujo objetivo era levantar informações pessoais dos pais e da criança, a queixa inicial, os comportamentos da criança nos ambientes que frequentava, a dinâmica familiar e as expectativas em relação ao grupo de orientação. O roteiro da entrevista final era composto por seis questões que versavam sobre as alterações observadas no comportamento da criança e dos pais, o cumprimento ou não das expectativas relativas ao GO.

Procedimentos para coleta de dados

Foram consultadas sessenta e sete fichas de crianças e adolescentes cadastrados no SPA nos anos de 2010 e 2011, com o objetivo de convidar os responsáveis para participar do GO. Respeitando a lista de espera, começou-se com a lista do ano de 2010, seguida da lista de 2011. De todos os contatos e convites realizados, seis pessoas se dispuseram a realizar a entrevista, que foi marcada e realizada individualmente numa sala do SPA. Essa pequena quantidade de pais ou responsáveis interessados parece ter ocorrido devido a três principais fatores, a saber, (1) o responsável tinha interesse em participar, mas não tinha disponibilidade, já que muitos trabalham pela manhã e pela tarde, tendo somente a noite disponível, turno este em que o SPA não funciona; (2) o responsável não tinha interesse em participar; e (3) muitos telefones da lista, principalmente os da lista de 2010, não existiam mais, o que impossibilitou o contato com alguns pais.

Procedimento para análise dos dados

As informações obtidas nas entrevistas foram submetidas a análise de conteúdo (BARDIN, 2007) e agrupadas em sete categorias, a saber, características dos filhos; práticas educativas utilizadas ; suporte familiar; contexto escolar; outros contextos, expectativa em relação ao programa e alterações observadas em seus comportamentos e no dos filhos.

Resultados

Categoria 1: Características dos filhos segundo os pais

O Quadro 1 mostra que mais da metade dos pais reconhece aspectos tanto positivos quanto negativos em seus filhos, sendo que dois deles não indicaram qualquer aspecto positivo. Em relação ao que poderia ser modificado nos filhos, apenas P3 e P4 indicaram modificações diretamente relacionadas aos aspectos negativos. Os demais pais indicaram mudanças muito gerais como “mudaria o filho todo” ou não relacionaram com os aspectos negativos. Esses resultados indicam que por ocasião do início do GO a maioria dos pais não apresentava clareza com relação aos comportamentos específicos dos filhos que lhes pareciam problemáticos. Também indica que alguns deles apresentavam dificuldades em discriminar os comportamentos positivos de seus filhos.

Quadro 1: Características e aspectos psicológicos que os pais mudariam nos filhos

Participantes	Características dos filhos		O que mudariam
	Positivas	Negativas	Aspectos Psicológicos
P1	Carinhosa, comunicativa	Imposição	Ingenuidade
P2	-	Nervosa, calada, desatenta	Filha toda, estudiosa
P3	Criança boa	Desobediente, mente	Desobediência, mentira, cuidar da saúde
P4	-	Nervoso, desatento, grita e come demais	Comer menos, gritar e incomodar pessoas
P5	Comunicativa, carinhosa	Carente de atenção, comunicativa com desconhecidos	-
P6	É meiga, comunicativa	Ignorante	Todo o comportamento

Categoria 2: Práticas educativas utilizadas.

Como mostra o Quadro 2, com relação as práticas educativas utilizadas três pais relataram usar práticas positivas, como P3, que disse “incentivar, conversar e dar exemplos ao filho”. Quatro pais, por sua vez, relataram ter práticas educativas negativas, como foi o caso de P6 que relatou “brigar, mas não bater, e ter pena de deixar o filho de castigo”. É interessante relacionar tais resultados com os relatos obtidos sobre o que poderia ser mudado nos pais, quando vários deles apontaram o que não deveriam fazer, mas não apresentaram sugestões de como poderiam mudar. Tal aspecto sugere que os pais poderiam estar utilizando práticas negativas por não saberem utilizar as positivas de maneira eficaz, já que alguns deles também relataram não saber como lidar com seus filhos. Para Bolsoni-Silva, Silveira e Marturano (2008), as práticas educativas parentais são umas das variáveis que podem influenciar o aparecimento e/ou manutenção de problemas de comportamento dos filhos. As autoras fazem referência a Patterson, Reid e Dishion (2002) e Gomide (2006) para ressaltar que as práticas parentais positivas evitam o surgimento e/ou a manutenção de problemas de comportamento, incluindo as práticas de expressão de afeto, estabelecimento de limites, e promoção do comportamento moral; enquanto que as práticas negativas como ausência de atenção e afeto, bater, gritar podem provocar o aumento de problemas de comportamento,

Em relação às dificuldades que os pais sentem ao educarem seus filhos, três deles associam estas às queixas, enquanto que dois relataram não sentir dificuldades. Apenas P6 mostrou-se inseguro: “*Um pouco, pois não sei se estou agindo da forma correta*”.

Sobre as influências na educação dos filhos, três pais apontam variáveis históricas, relacionadas a questões de valores recebidos em sua própria educação (P1: “Educação que recebeu, com modos”), dois pais apontaram variáveis situacionais (P5: “Age assim porque é adulta e cuida da filha sozinha”), e somente P2 relata variável orgânica relacionando seu modo de agir com a “Crise de convulsão da filha aos 9 anos”.

Quadro 2: Práticas educativas, sua origem e dificuldades na utilização

Participantes	Ações em relação à educação do filho			Mudanças nos pais	Dificuldade na educação	Influências na educação
	Positivas	Negativas	Neutras			
P1	Conversa, educação religiosa	Bota de castigo		Não gritar, não bater, não pôr castigo	Não.	Padrões família
P2	Educa	-	-	Nada	Sim, tirar filha da rua	Crise de convulsão
P3	Incentiva, conversa, dá exemplos	-	-	Não ficar bravo com criança	Sim, desobediência a mentira	Educação que recebeu
P4	-	Conversar não adianta, já bateu Não sabe	-	Mais paciente	Sim, que comesse e falasse menos	Filho deixa nervosa
P5	-	Chama atenção. Não fazer coisas só	-	Como lidar	Não	Cuida da filha sozinha
P6		Tem pena, castigo	Faz vontades, dentro limites	O jeito de ser, mais atenção	Um pouco, não como agir	Apanhou muito, prefere dialogar

Categoria 3: Suporte familiar

Em relação ao suporte familiar o Quadro 3 mostra que dois pais relataram não possuí-lo no que se refere à educação dos filhos. Os quatro pais que relataram ter este tipo de suporte citam os familiares do próprio ambiente ou da rede familiar, e dois deles (P4 e P5) indicaram que tal ajuda é positiva enquanto que um deles (P6) a considerava negativa. Já em relação às mudanças que poderiam ocorrer no ambiente familiar, as respostas das mães se relacionaram a dois aspectos, mudanças nas interações familiares, como no caso de P2 que gostaria que as filhas se unissem; e mudanças nos comportamentos dos próprios pais, no sentido de modificá-

los visando a melhoria da educação do filho, como relatou P1: “*Mais paciência dele e da esposa*”.

Quadro 3: Apoio familiar e o que os pais mudariam no ambiente de casa

Participantes	Ajuda de outros membros da casa na educação do filho		O que poderia ser mudado no ambiente da casa	
	Parente	Como ajuda?	Aspecto físico	Aspecto psicológico / relacional
P1	-	-	-	Paciência dele e da esposa
P2	-	-	-	Filhas se unirem
P3	Filhos biológicos	Não foi relatado	-	Ajuda do marido (70 anos)
P4	Padrasto	Ele tem mais paciência	-	Família saber lidar
P5	O pai e a avó	Pai grosseiro e amoroso. Avó superprotetora	Quarto da filha	-
P6	Marido	Não participa da educação. Preocupado com namoro	-	Marido ignorante e dar ousadia. Tiraria da cama dos pais

Categoria 4: Contexto escolar

O Quadro 4 mostra que apenas um dos pais relatou não participar de reuniões, nem ter contato com a escola. Com relação ao que poderia ser mudado nesse ambiente visando à melhoria do comportamento dos filhos, dois deles deram sugestões, sendo que a de P3 se referia a um castigo prometido pela diretora se seu filho se comportasse mal, que seria “colocá-lo para passar os intervalos na secretaria”. P6 relatou uma alteração em sua filha e não o que poderia ser mudado no ambiente escolar. Desse modo podemos observar que, na prática, esses pais tinham poucas informações sobre os fatores que poderiam estar atuando sobre os comportamentos de seus filhos na escola e, conseqüentemente apresentavam dificuldades em apresentar sugestões que pudessem redundar em influências positivas sobre esses comportamentos. Esse resultado confirma aqueles obtidos em grupos realizados anteriormente, mostrando que os pais costumam ter poucas informações sobre o trabalho da escola e a tendência a aceitar as propostas de intervenção feitas por ela, mesmo que sejam negativas, como castigo e restrições.

Quadro 4: Participação dos pais na vida escolar do filho e mudanças nesse ambiente

Participantes	Participação dos pais na vida escolar do filho		O que poderia ser mudado no ambiente escolar	
	Participa/ Como?	Não participa	Aspecto físico	Aspecto psicológico/ relacional
P1	Sim, vai à escola e educação religiosa	-	-	-
P2	Sim	-	-	-
P3	Sim	-	-	Escola diz ajudar. Passar intervalos secretaria
P4	Sim, vai reuniões e conversa com professoras	-	-	-
P5	Sim, participa reuniões e gosta ensino e equipe	-	Ter mais brinquedos, organização e limpeza	Auxiliar da professora deveria ser mais carinhosa
P6	-	Não tem contato com escola	-	Mudou, começou a se achar dona de si, no novo colégio

Categoria 5: Outros contextos

No que se refere aos comportamentos dos filhos em outros contextos, quatro pais relataram alterações nos mesmos, sendo que três identificaram melhora (P1, P3, P5) e dois piora (P6, P1). Dois pais (P3 e P4) relataram não haver mudança e um (P2) indicou não saber. É interessante notar que P1 e P3 relacionaram a mudança de comportamento com a alteração do ambiente, pois “na igreja ele comporta-se bem” (P3) ou com algum fator ali presente, pois “ele só desalinha quando se junta com o irmão” (P1). Os relatos relacionados a mudança de comportamento ou a fatores que pode estar interferindo com os comportamentos são muito importantes, pois constituem-se no primeiro passo para se discutir a influência do ambiente nos comportamentos e se iniciar o trabalho de discriminar outras variáveis que estão em jogo quando se trata de orientar o comportamento da criança. Nesse contexto começa-se a desmitificar o pensamento de que a criança trazida para tratamento é a única responsável por seus comportamentos inadequados.

Quadro 5: O que os pais mudariam nos outros ambientes que os filhos frequentam

Participantes	Outros lugares que o filho frequenta		O que poderia ser mudado nesses ambientes	
	Lugares	Como o filho se comporta	Aspecto físico	Aspecto psicológico / relacional
P1	Casa da avó,	Comporta-se bem em	-	Quer a ajuda

	das tias e a Igreja	todos, só desalinha quando se junta com o irmão		dos avós (doentes)
P2	Praça do bairro	Não sabe	-	Não ir à praça
P3	Shopping, reuniões da igreja	Com mesmos problemas, e na igreja comporta-se	-	-
P4	Casa da avó	Comporta-se da mesma forma	-	Não gosta visita à casa da avó
P5	Casas da avó e bisavó paternas, tio materno, madrinha	Comporta-se bem	-	Avó e bisavó proteger menos, deixar mais livre
P6	Família da mãe em Alagoas	Fica ainda mais dengosa, é muito paparicada	-	Família dar menos dengo

Categoria 6: Expectativas em relação ao grupo de orientação

Os resultados dessa categoria serão comparados com a avaliação dos efeitos do grupo realizada pelos pais na entrevista final como apresentado no Quadro 6.

No que diz respeito às expectativas relativas ao grupo, na entrevista inicial, quatro pais relataram esperar mudanças em seus próprios comportamentos, como foi o caso de P1 que disse esperar que o grupo “*o ajudasse a se comunicar mais e melhor com os filhos*”. Já P5 e P4 apontaram aspectos mais gerais quanto a mudanças, como “melhorar a situação”, e mudanças também no filho, “descobrir o que ele tem” (P4).

Esses resultados mostram que, embora as queixas fossem sobre os comportamentos dos filhos, a maioria dos pais, desde o início, expressava a idéia de que seu próprio comportamento era importante para a realização de mudanças. Tal aspecto mostrou-se bastante propício para as intervenções do grupo que se fizeram no sentido de analisar as relações presentes nos diferentes ambientes da criança e como as mesmas poderiam ser melhoradas.

Quadro 6: Expectativas dos pais e mudanças observadas depois do GO

Participantes	Expectativas	Mudanças observadas depois do GO	
		Pais	Filhos
P1*	Ajude a se comunicar mais e melhor com os filhos	-	-
P2	Boa influência sobre tudo, sobre ela mesma	Mais calma, relaxada, pensando mais	Não melhorou
P3	Melhorar seu comportamento	Cobrar menos e o uso de termos positivos	Melhorou muito. Em casa e na escola

P4*	Melhorar a situação. Descobrir o que ele tem	-	-
P5	Orientações, ajuda, mudanças	Percebe a importância de mudar suas práticas	Melhorou muito
P6	Educar melhor sua filha, aprender mais	Não ver só as coisas ruins	Melhorou pouco

* Pais que não participaram do GO, e portanto, não fizeram a entrevista final.

Na entrevista final quatro pais indicaram alterações para melhor em seus próprios comportamentos e dois não participaram. Quanto a melhora no comportamento dos filhos dois indicaram que melhorou muito, um relatou que melhorou pouco e outro que não houve melhora. P6 não soube identificar a alteração que ocorreu no comportamento do filho e P2 foi orientada a procurar um suporte terapêutico, dada a complexidade dos problemas apresentados.

Considerações finais

A partir dos relatos dos pais, foi possível perceber que estes tiveram dificuldades de identificar e discriminar os comportamentos problemas dos filhos nos mais diferentes contextos. As informações que esses possuíam sobre o no ambiente escolar de seus filhos era reduzida, e o apoio familiar foi visto por alguns deles como tendo influência negativa na educação do filho. Quanto às expectativas, a maioria dos pais se referiu a mudanças em seus próprios comportamentos. Após o término do GO, as mães participantes puderam relatar que alguns de seus próprios comportamentos estavam contribuindo para a manutenção de comportamentos-problemas de seus filhos, e a partir de então passaram a refletir sobre a necessidade de modificar suas próprias atitudes. A maioria relatou que suas ações ou percepções na interação com os filhos melhoraram e apenas uma mãe considerou que o filho não apresentou melhora de comportamento.

Os pais, ao buscarem apoio em grupos de orientação, apesar das dificuldades e fragilidades que enfrentam, demonstram querer melhorar como pais, e começam a perceber que o primeiro passo para modificar o comportamento dos filhos é mudar seus próprios comportamentos e alterar suas práticas educativas.

“Os pais se preocupam profundamente com suas crianças e querem ser bons pais” (CAMPBELL & PALM, 2004, p.7). Este é um dos pressupostos sobre os quais se baseiam os grupos de educação de pais com os quais esses autores trabalham e que apresentam aspectos de funcionamento semelhantes aos GOs aqui referidos. Assim o funcionamento do GO se

baseia no princípio de que, mesmo ao errar em seus procedimentos, as mães e pais estão tentando acertar na educação dos filhos.

A realização de grupos de orientação a pais torna-se relevante na medida em que estes possibilitam a troca de experiências entre os participantes, num espaço apoiador, que os auxilia, fornecendo orientações fundamentadas em relação às dificuldades e receios que estes enfrentam na educação de seus filhos. Bolsoni-Silva, Silveira e Marturano (2008) também ressaltam a importância dos grupos de orientação a pais, já que eles têm como objetivo alterar as estratégias parentais, buscando-se reduzir e/ou prevenir problemas de comportamento dos filhos.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, E. A. C. **Programa de orientação de mães para integração social de adultos portadores de deficiência mental.** Tese (Doutorado). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2001.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** 3ª Ed. Lisboa, Edições 70, 2007.

BOLSONI-SILVA, A. T.; LOUREIRO, S. R. Práticas educativas parentais e repertório comportamental infantil: comparando crianças diferenciadas pelo comportamento. **Paidéia** (Ribeirão Preto) [online], vol.21, n.48, pp. 61-71. 2011.

BOLSONI-SILVA, A. T.; PAIVA, M. M.; BARBOSA, C. G. Problemas de comportamento de crianças/ adolescentes e dificuldades de pais/ cuidadores: um estudo de caracterização. **Psicol. clín.** (Rio de Janeiro), vol. 21, n. 1, p. 169-184, 2009.

BOLSONI-SILVA, A. T.; SILVEIRA, F. F.; MARTURANO, E. M. Promovendo habilidades sociais educativas parentais na prevenção de problemas de comportamento. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, vol.10, n. 2, p.125-142, dez. 2008.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano:** experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CAMPBELL, D.; PALM, G.F. **Group parent education: promoting parent learning and support.** California, Sage Publications, 2004.

COELHO, M. V.; MURTA, S. G. Treinamento de pais em grupo: um relato de experiência. **Estudos de Psicologia.** (Campinas), vol.24, n. 3, p.333-341, set. 2007.

COLNAGO, N. A. S. **Orientação para pais de crianças com Síndrome de Down:** elaborando e testando um programa de intervenção. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP. 2000.

DESSEN, M. A.; POLÔNIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia* (Ribeirão Preto). 2007, 17, 21-32.

INFORSATO, F. A. F. **Interação da escola e a família**: considerações a partir de uma abordagem ecológica, Tese (Doutorado) Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP. 2000.

GOMIDE, P.I.C. **Inventário de estilos parentais**. Modelo teórico: manual de aplicação, apuração e interpretação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LUNDAHL B. ; RISSER, H.J E LOVEJOY, M. C. A meta-analysis of parent training: Moderators and follow-up effects. **Clínical Psychology Review**, 2006 Volume 26, Issue 1, 86-104. Disponível em : <http://www.sciencedirect>. Acesso em: 23/04/2009.

PARDO, M. B. L.; CARVALHO, M. M. S. B. Grupo de orientação de mães no contexto de uma clínica-escola. **Paidéia**, vol. 21, n. 48, p. 93-100, jan. – abr., 2011.

SALVO, C. G.; SILVARES, E. F. M.; TONI, P. M. Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. **Estudos de Psicologia** (Campinas), vol. 22, n. 2, p.187-195, jun. 2005.

SHAFFER, David R. *Psicologia do Desenvolvimento: infância e adolescência*. São Paulo: Pioneira, 2005.

WIELEWICKI, A. Problemas de comportamento infantil: importância e limitações de estudos de caracterização em clínicas-escola brasileiras. **Temas em Psicologia** , vol.19, n.2, 379-389, 2011.

Sobre as autoras:

Maria Benedita Lima Pardo – Professora Associada do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe. Doutora em Psicologia Experimental e Pós-doutoramento em Educação Escolar. E-mail: pardombl@hotmail.com

Margarida Maria Silveira Britto de Carvalho – Professora Assistente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe. Especialista em Educação Especial.

Ariane de Brito Santos – Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe, bolsista PIBIX.

Grupo de Pesquisa, Planejamento e Avaliação em Educação e Psicologia.

Financiamento: Este trabalho conta com o apoio do PIBIX/PROEX/UFS.

